

**Berthold Zilly\***

Freie Universität Berlin/ Professor visitante PGET/UFSC

[zilly@zedat.fu-berlin.de](mailto:zilly@zedat.fu-berlin.de)

**Tradução de Leticia M. V. S. Goellner**

UFSC

[lele.goellner@gmail.com](mailto:lele.goellner@gmail.com)

**“Não sou o hóspede, nem o estrangeiro,  
mas o membro da família”.  
Sarmiento e suas ambivalências diante da  
realidade francesa.<sup>1</sup>**

Gelöbnis. – Ich will keinen Autor mehr lesen, dem man anmerkt, er wollte ein Buch machen: sondern nur jene, deren Gedanken unversehens ein Buch wurden.

Nietzsche, “Der Wanderer und sein Schatten”<sup>2</sup>

---

\* Agradeço à Claudia Silveyra D’Avila por suas críticas e sugestões.

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão revisada e abreviada de: Berthold Zilly- B. Z. “No soy el huésped, ni el extranjero, sino el miembro de la familia.’ Ambivalencias en *Viajes por Europa, África i América 1845-47* de Domingo Faustino Sarmiento” In: *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*, 27 (2009), 129-183, artigo em que também são examinadas a viagem de Sarmiento à Argélia e sua atitude ambígua frente ao colonialismo; ver também: Zilly 2016.

<sup>2</sup> Nietzsche, “Der Wanderer und sein Schatten”, aforismo, n° 121, in: Nietzsche 1997, vol. 1, 925. [O viajante e sua sombra]. Tradução da citação do alemão para o português: “Voto. – Já não quero ler nenhum autor, no qual se note que quis fazer um livro: mas só aqueles cujas ideias inadvertidamente se transformaram em um livro”. Esta citação também se encontra como epígrafe do livro *Siete Ensayos de interpretación de la realidad peruana* [Sete ensaios de interpretação da realidade peruana], de Mariatégui, 1979, 4.

## Uma viagem no sentido contrário: da periferia à metrópole<sup>3</sup>

Domingo Faustino Sarmiento (1811-88) não foi somente um dos primeiros viajantes sul-americanos<sup>4</sup> a escrever relatos sobre a Europa para um amplo público, mas também, o que era mais raro ainda, visitou-a como pesquisador. Diferentemente dos viajantes europeus fora da Europa, ele não se dedicou às ciências naturais ou à antropologia, mas aos estudos pedagógicos. Enviado pelo governo chileno com o propósito de reunir materiais e conhecimentos sobre sistemas e métodos de instrução em diversos países, especialmente sobre a educação básica e a formação de professores do ensino primário, devia elaborar, em seu regresso, propostas para reformar o ensino público no Chile.<sup>5</sup>

Missão esta que correspondia aos profundos anseios de Sarmiento. O grande projeto que o animava, como a todos os republicanos e progressistas na América Hispânica, sobretudo aqueles que lutavam contra o caudilhismo, era a construção de um moderno Estado nacional civilizado, conforme o ideário das revoluções norte-americana e francesa. Para isto, haveria que “educar o soberano”, segundo o famoso lema sarmientino, ou seja, instruir o povo formalmente emancipado para que este pudesse emancipar-se de verdade, passando a constituir uma sociedade de cidadãos informados e formados, maduros, críticos, capazes de participar ativamente na *res publica*, nos assuntos de todos, na opinião pública, no mercado nacional e internacional, na gestão do município e do Estado, concebidos conforme modelos esclarecidos e burgueses. Portanto, haveria que criar e desenvolver especialmente duas instituições fundamentais para a democracia almejada: o ensino, para os jovens, e a imprensa para os adultos – justamente os campos de maior interesse, talento e paixão do fervoroso liberal e republicano que era Sarmiento.

Foi sua fidelidade ao projeto liberal-republicano o que fez de Sarmiento um refugiado. No contexto argentino, era unitário e, portanto, inimigo dos federalistas e de seu chefe supremo, Juan Manuel de Rosas, que sob seu governo de métodos ditatoriais e de retórica nacionalista (1835-52)<sup>6</sup>, havia unificado a

<sup>3</sup> Sarmiento chegou a Le Havre, proveniente do Rio de Janeiro, em 6 de maio de 1846, e permaneceu em Paris e redondezas de 10 de maio a 12 de setembro do mesmo ano, seguindo para a Espanha. Passou uma segunda temporada em Paris, de 13 de junho a 31 de julho de 1847, a qual não menciona em *Viajes*. Fala, sim, de sua segunda estadia em seu *Diário de Gastos*. Durante a mesma, fez um discurso no *Institut Historique de France*, sobre Bolívar e San Martín, publicado mais tarde em espanhol. Esteve também na Argélia, colônia francesa naquela época, de 20 de dezembro de 1846 até o início de janeiro de 1847.

<sup>4</sup> Conforme costume da época, Sarmiento usa pouco o termo “sul-americano”, e nunca os termos ‘ibero-americano’ e ‘latino-americano’, preferindo ‘americano’ para os habitantes da América Latina, e ‘América’ para o subcontinente. O que hoje em dia se entende geralmente por ‘americano’, em Sarmiento aparece como ‘norte-americano’.

<sup>5</sup> Sobre viajantes ibero-americanos na Europa naquela época, ver Sanhuesa 2007; Lubrich 2011, e todo o número 27 da *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*.

<sup>6</sup> Rosas já havia sido governador da Província de Buenos Aires 1829-32, mas o período de seu poder

Argentina, contrariamente ao programa federalista, de uma maneira muito mais radical que a planejada pelos unitários, em grande parte letrados e cosmopolitas.

Sarmiento viajou à Europa no final de 1845, embarcando no Chile – onde havia vivido como exilado de 1831 a 1836, perseguido pelo caudilho riojano Juan Facundo Quiroga, e desde 1840, perseguido por Rosas, o caudilho dos caudilhos – voltando ao Chile em 1848. Foi refugiado ou perseguido durante mais de duas décadas, até o fim da ditadura dos federalistas em 1852, e de certo modo mesmo depois, visto que só a partir de 1855 passou a viver definitivamente na Argentina. Como o Ulisses de Homero, errando por mares e continentes, sua vida teve um caráter nômade, durante mais de duas décadas. E, como Ulisses, quis sempre voltar a sua terra para ocupar o lugar que, em sua opinião, lhe correspondia, junto a sua bem-amada nação.

Pouco antes de partir para a Europa, em julho de 1845, Sarmiento havia publicado, em um jornal chileno, uma série de artigos, logo reunidos em um livro: *Civilización y barbarie. Vida de Juan Facundo Quiroga*, um ensaio histórico, biográfico, antropológico, político sobre as convulsões e perspectivas da nascente nação argentina, as guerras civis e os planos de reconstrução democrática depois da almejada caída do ditador. Este livro, circunstancial como *Viajes*, também concebido como libelo contra o atraso e o autoritarismo nas zonas pecuárias, contra o poder arbitrário dos caudilhos, tinha, além disso, qualidades de um romance, com matizes ora épicos, ora líricos ou dramáticos. *Facundo*, livro aparentemente disforme, híbrido, impregnado pelas ideias do Iluminismo e pela estética do Romantismo, versátil, incoerente, proteiforme – como seu autor – se converteu em um clássico da literatura e do pensamento social da América Latina, um manifesto reformista, quase messiânico, do liberalismo argentino, mas também do orgulho patriótico do autor, além de ser um monumento ambivalente ao gaúcho como emblema da argentinidade.<sup>7</sup>

O eterno conflito entre os letrados unitários e os caudilhos federalistas ia assumindo, na visão de Sarmiento, o caráter de uma guerra por fundamentais princípios políticos e filosóficos – progresso, liberdade, justiça – uma cruzada secular, quase maniqueísta contra a “barbárie”, que também caracteriza seus

---

quase absoluto começou em 1835, e durou até 1852, quando perdeu a batalha de Caseros e se exilou na Inglaterra. Além de governador da Província de Buenos Aires foi o Encarregado das Relações Exteriores da Confederação Argentina. Formalmente nunca foi, nem quis ser, presidente, pois este cargo fazia parte do projeto unitário da República Argentina.

<sup>7</sup> Sobre a importância de *Facundo* e de seu modelo dicotômico de interpretação da história e da realidade política na Argentina, até hoje em dia, ver Svampa 2006; Shumway 1991. Sobre sua importância geral para a história das ideias na América Latina, ver González Echevarría 2003, 1, que o chama “the first Latin American classic and the most important book written by a Latin American in any discipline or genre” (“o primeiro clássico latino-americano e o livro mais importante escrito por um latino-americano em qualquer disciplina ou gênero”). Ver também a coletânea de ensaios *Sarmiento*, de mais de 800 páginas, 4º volume da *Historia crítica de la literatura argentina* (Amante, 2012).

outros escritos, nomeadamente *Viajes*.<sup>8</sup> Este livro faz diversas alusões ao *Facundo*, onde o autor já havia deixado entrever, antecipadamente, seu desejo de viajar à França, ao passo que mais tarde o próprio *Facundo*, em sua segunda edição, de 1851, retoma algumas ideias de *Viajes*, de modo que os livros dialogam entre si.<sup>9</sup>

O jornalismo polêmico de Sarmiento começava a ser um incômodo para o governo chileno, criando atritos diplomáticos com o país vizinho. A viagem à Europa foi uma elegante solução para o problema, pois assim o prestigioso hóspede iria prestar um grande serviço, tanto a seus anfitriões, como a si mesmo. Seria a realização de um desejo de muitos anos, útil também para sua carreira como líder da oposição argentina na diáspora. A viagem foi, portanto, um exílio semivoluntário dentro de um exílio forçado, uma fuga, mas ao mesmo tempo uma viagem de pesquisa, de autoeducação e de prazer. Depois, o viajante teria maturidade suficiente para assumir seu papel predestinado de esposo da nação republicana.

Esse autodidata de curiosidade desmesurada não se contentou com o cumprimento de sua missão oficial de pesquisa pedagógica e também aproveitou a viagem para complementar sua formação humana, cultural e cívica, inclusive a diversão e o ócio. Convidou seus amigos e leitores a participar desse processo através de diversas cartas, logo transformadas em artigos para a imprensa, sobre suas andanças por três continentes, reunidos mais tarde no livro *Viajes*. Foram viagens, portanto, triplamente metamorfoseadas: como epistolário, periodismo, literatura. A postura do autor nesses textos oscila entre curiosidade descobridora, autorrepresentação, didatismo, entretenimento e desejo de criação literária<sup>10</sup>. Como ocorre muitas vezes em literatura autobiográfica, não há um limite claro

---

<sup>8</sup> Rojas 1951, 219.

<sup>9</sup> Ver em Sarmiento, *Facundo*, a nota de rodapé das páginas 48 e 49, inserida pelo autor na segunda edição do livro, de 1851, ou seja, depois da publicação de *Viajes*. Ali se refere às semelhanças entre os argentinos e os árabes.

<sup>10</sup> Sarmiento escreveu vários tipos de textos durante e sobre sua viagem de pesquisa, de formação pessoal, de “turismo cultural”, de prazer e diversão: 1. Os relatos propriamente ditos, que são objeto deste artigo; 2. “Informe al Ministro de Instrucción Pública”, 1848, e outros escritos sobre sistemas escolares na Europa e na América do Norte, dos quais resultou o livro *De la educación popular* (1849), e mais tarde também *Memoria sobre educación común* (1856); 3. Um “Diário de gastos”, escrito em francês durante sua estadia na França, e em espanhol nos outros países, ou seja, um registro bastante meticuloso, semelhante às anotações de um contador, permitindo seguir cada passo do autor; ele anota até as esmolas, cigarros, “quête des musiciens”, “des fraises”, “gants blancs pour aller dîner chez Mr. Lelong”, “parfumerie”, “coiffure et barbe”, etc., e também diversas vezes “une orgie” e “une bêtise”, ou seja gastos para sua aparência, autoencenação, prazeres, inclusive aventuras eróticas; 4. O discurso de recepção como membro no *Institut Historique de France*, sobre o famoso encontro, em 1822, entre San Martín e Bolívar em Guayaquil, traduzido para o espanhol e publicado, em 1848, no Chile; 5. Cartas escritas durante a viagem, mas não incluídas em *Viajes* e não publicadas naquela época. Manter no livro a forma de correspondência é um procedimento narrativo que intensifica o caráter apelativo dos textos, sugerindo a inclusão do leitor no círculo de amigos de Sarmiento.

entre o eu narrado e encenado como personagem, talvez até ficcionalizado, e o eu como pessoa factual, real, histórica; mas parece que a estilização literária em geral não entra em choque com os fatos; mesmo porque grande parte dos relatos é constituída por ideias ou impressões subjetivas não verificáveis mediante parâmetros objetivos. O mundo é uma exposição e um teatro, todo dia oferece novas imagens e cenas, como escreve no prólogo do primeiro volume de *Viajes*, em 1849:

El fruto de mis investigaciones verá bien pronto la luz; pero dejaba esta tarea, árida por demas, vacios en mi existencia ambulante, que llenaban el espectáculo de las naciones, usos, monumentos e instituciones, que ante mis miradas caían sucesivamente, i de que quise hacer en la época, abreviada reseña a mis amigos, o de que guardé anotaciones i recuerdos, a que ahora doi el posible orden, en la coleccion de cartas que a continuacion publico (3).<sup>11</sup>

## A França dos sonhos – e dos desenganos

Avise V. a los mios, mi buen amigo, que he tocado tierra en Europa, que he abrazado, mas bien dijera, esta Francia de nuestros sueños. Puedo permitirme tal hipérbole con V. que apenas conoce el español como se escribe en España (que es du reste, como debe escribirse) a fuerza de no pensar, ni sentir, sino como nos ha enseñado a pensar i sentir la literatura francesa, única que V. i yo llamamos literatura aplicable a los pueblos sudamericanos (75).

Assim, com o elogio às letras francesas que se estende por muitas páginas, inicia Sarmiento o relato sobre sua chegada à França, em uma carta a Carlos Tejedor, escrita em Rouen, em um espanhol ostensivamente salpicado de galicismos.<sup>12</sup> Todas as eventuais críticas com respeito à França, já existentes em

---

<sup>11</sup> Sarmiento tentou, para facilitar e democratizar a alfabetização, introduzir uma ortografia mais racional e, portanto, mais próxima à realidade fonética do castelhano na América Hispânica, publicando suas primeiras obras de acordo com sua reforma. Esta, contudo, não se impôs e foi abandonada mais tarde pelo próprio autor. A edição de *Viajes* citada neste artigo pretende respeitar a ortografia sarmientina. Todos os textos citados reproduzem a ortografia como foram publicados nas edições indicadas na bibliografia de modo que algumas palavras citadas podem aparecer com diversas grafias.

<sup>12</sup> Sarmiento enviou duas cartas da França, a primeira escrita em Rouen, em 09 de maio de 1846, dirigida a Don Carlos Tejedor, sobre sua chegada a Le Havre e sua viagem a Rouen; e a segunda, escrita em Paris em 04 de setembro de 1846, dirigida a Don Antonio Aberastain, falando de sua estadia nessa cidade. Carlos Tejedor era jurista e político unitário de Buenos Aires, correligionário de Sarmiento. Antonino Aberastain, também jurista e político unitário, era de San Juan e amigo de juventude de Sarmiento. É natural, portanto, que a segunda carta vinda da França seja mais espontânea, pessoal e

*Facundo*, à sua política exterior e à sabedoria de alguns de seus historiadores e jornalistas, são passageiramente esquecidas: a França é a terra prometida que o inunda de ternura e emoção, como se chegara a sua família, aos braços de sua amada ou a um santuário de peregrinação. Comparações e metáforas familiares, eróticas e religiosas, caracterizando seus laços com a França, abundam em todo o relato. O viajante se sente maravilhado, no sétimo céu, pois conhecia a França dos livros e agora vai conhecendo a França real, real de realidade e de realeza, pois ainda é, apesar de sua tradição republicana, um país monárquico, uma monarquia constitucional.

O uso frequente do pronome em primeira pessoa do plural realça a consciência grupal de Sarmiento, que, em sua opinião, não viaja somente como indivíduo, mas como representante dos republicanos liberais da América do Sul, discípulos das letras francesas, das Luzes, do Romantismo e dos pensadores contemporâneos. O que une esse grupo é justamente a formação através da literatura francesa: Victor Hugo, por exemplo, lido “en un rincón de las faldas orientales de los Andes”, e a filosofia de Pierre Leroux, socialista utópico e codiretor da *Revue Encyclopédique* – citada no *Facundo* –, assim como da *Revue des Deux Mondes* (*Viajes* 75 y *Facundo* 227). “*Los jóvenes de buena voluntad en América somos el modelo de aquel Jerónimo Paturot, el Quijote de las ideas francesas [...]*” (75).<sup>13</sup>

O quixotismo que Sarmiento observa em si mesmo e em seus amigos o enche de orgulho e ao mesmo tempo de ironia, pois eles propagam ideais civilizatórios adquiridos não através da experiência, mas através dos livros.<sup>14</sup> Seus ideais se chocam contra uma realidade menos bela, menos generosa e civilizada do que imaginaram. Existe aqui uma dupla crítica, ainda que semi-humorística, pois o autor alerta, indiretamente, contra um excesso de leituras idealistas e contra o perigo de confundir o lido com o real. Por outro lado, visto que as leituras francesas brindaram os jovens latino-americanos com ideais e princípios valiosos, a liberdade, a república, o bem comum, as artes, eles veem nesse quixotismo, tendencialmente, uma atitude louvável, valente e crítica, que, ademais, os ajuda a ver mais claramente defeitos e máculas da realidade francesa. Ambas as posturas são fios condutores de toda a viagem narrada: a ironização de um idealismo exagerado, livresco, ilusionista dos sul-americanos, que

---

confessional que a primeira. Os destinatários não foram escolhidos acidentalmente, visto que Sarmiento sempre buscou uma afinidade entre a personalidade do destinatário, os temas e o estilo da carta.

<sup>13</sup> Jérôme Paturot é um protagonista ingênuo de um romance de Louis Reybaud, de 1842. É notável que, segundo Sarmiento, este Quixote francês não seria o modelo dos letrados ibero-americanos, mas sim, ao contrário, eles se sentem modelos daquele. Ou seja, os Quixotes sul-americanos, reais, seriam anteriores ao Quixote francês ficcional, uma originalidade *sui generis*.

<sup>14</sup> Antes mesmo de chegar à França, Sarmiento já gostava de cultivar sua imagem como lutador solitário quixotesco pelo progresso e pelas luzes; ver Nelle 1996, 141-142

em contato com a realidade europeia produz a desilusão e o desengano; e por outro lado, como consequência disso, a ironização dessa realidade, que entra em oposição com sua própria imagem oficial. Assim, indiretamente, o viajante se identifica com o Quixote, e com a zombaria que lhe faz seu criador.

Apesar de seu entusiasmo por chegar a sua pátria intelectual, Sarmiento cita, já na segunda página de sua primeira carta da França, dezoito versos escolhidos de um longo poema, *La Cuve* (A Cuba) do poeta satírico popular Henri Auguste Barbier, conhecido por suas denúncias jocosas de escândalos de todo tipo. A transcrição de versos em francês, sem tradução, assim como outras numerosas citações ou palavras nessa língua, incluindo galicismos e pseudotraduções para o espanhol, somente inteligíveis para quem sabe francês, mostram não somente a suposta competência linguística do autor, mas também aquela que pressupõe em seus leitores, membros da república das letras ocidentais, que tinham o francês como língua franca. Eis aqui a última estrofe:

¡Raza única en el mundo, espantoso conjunto  
de impulsos juveniles y crímenes de viejos;  
raza que está jugando con el mal y la muerte  
todo el mundo te admira pero nadie te entiende!<sup>15</sup>

Parece que Sarmiento aceita o desafio da última linha do poema como lema de sua estadia na França: já admira há tempos a “raça de Paris”, e agora quer entendê-la. Mas por que cita um longo poema satírico, cheio de autocritica francesa? Assim, por um lado, coloca em evidência a relativa liberdade de expressão e a cultura do riso que reinam na França monárquica, em contrapartida à intolerância e ao terror na Argentina de Rosas. Por outro lado, essa citação tem o efeito de atenuar e relativizar um pouco a imagem idealizada do país visitado, tanto no autor como em seus leitores, aliviando a enorme pressão que deve significar o prestígio da França e da Europa para o forasteiro proveniente de um país distante, demograficamente pequeno e periférico. Também justifica e estimula, implicitamente, para si e para seus leitores, sua crítica posterior, pois se os próprios franceses zombam dos franceses, um argentino também pode fazê-lo. Sem comentar diretamente este poema, segue seu relato:

I en efecto, ahora que me aproximo a aquel foco desde donde parten para nosotros los movimientos del espíritu, uno en pos de otro como los círculos concéntricos que describen las aguas agitadas en algun punto de su superficie, siento no sé que timidez, mezclada de curiosidad, admiracion i respeto, como aquel sentimiento religioso e indefinido del niño que va a hacer su comunion primera. Siéntome, sin embargo, que no soi

---

<sup>15</sup> Na tradução de Verdevoye 1993 (430). Os sublinhados são de B. Z.

el huésped, ni el extranjero, sino el miembro de la familia, que nacido en otros climas se acerca al hogar de sus antepasados, palpitándole el corazón, con la anticipación de las sensaciones que le aguardan, dando una fisonomía a los que solo de nombre conoce, i tomando prestados a la imaginación, objetos, formas i conjunto que la realidad destruirá bien pronto, pero que son indispensables al alma, que como la naturaleza, tiene horror al vacío (76-77).

O primeiro contato com a França deveria ter algo de um *déjà-vu*. Ao final da citação, nota-se que o autor tem plena consciência de que algumas de suas expectativas sobre uma França ideal são quiméricas e serão retificadas pela observação direta, ainda que alguns preconceitos sejam indispensáveis, pelo menos até que sejam corrigidos pela experiência e a “fisionomia” das coisas e das pessoas. Mas o importante é a sensação de chegar em casa. A “família” é a comunidade de homens civilizados, dispersos pelo mundo, filhos espirituais da França. O estrangeiro civilizado é, na verdade, um cidadão francês, sobretudo parisiense. O alheio é, ideológica, e, talvez, até emocionalmente, o próprio, e a viagem ao exterior é um retorno à casa paterna e materna. Ou seja, a oposição do próprio e do alheio assume aqui uma dinâmica especial, sendo modificada, neutralizada, invertida parcialmente, pois aos letrados argentinos lhes é mais familiar Paris do que o pampa, ou seja, que regiões e culturas de sua pátria lhes são mais estranhas que as grandes cidades de um país estrangeiro, mas aproximado e valorizado desde a juventude, através de sua cultura prestigiosa e hegemônica.

Não importava que a Inglaterra fosse econômica e tecnologicamente mais avançada; que os Estados Unidos, como ex-colônia e república, fosse um país politicamente exemplar; e que a Prússia tivesse as melhores escolas: a glória da cultura francesa brilhava mais clara e mais radiante, e seus escritores eram os guias principais dos letrados sul-americanos. Nem sequer o regime monárquico pôde diminuir substancialmente a admiração do convicto republicano pela França. Sarmiento já havia lido em San Juan e em Santiago do Chile – às vezes em tertúlias com amigos, dentro do espírito da Geração de 37, dos unitários, liberais – textos de Dumas, Lamartine, Thiers, Guizot, Tocqueville, Cousin, Lerminier, Michelet, e também dos enciclopedistas e pensadores do Século das Luzes. Curioso, no entanto, é que nunca mencione Auguste Comte, que acabava de publicar, de 1831 a 1842, seu *Cours de philosophie positive*; talvez uma obra excessivamente científica, sóbria, seca, autoritária, para a alma apaixonada de Sarmiento, ainda que próxima a muitos de seus posicionamentos.

A maior parte de seu relato sobre sua iniciação nas letras francesas, Sarmiento a dedica à filosofia social de Charles Fourier, na qual aprecia a ideia de organização comunitária da indústria, agricultura, moradia, diversão, e da política em geral. Encontra nela uma espécie de socialismo reformista, com traços



pequeno-burgueses, capitalistas-cooperativistas. Simpatiza especialmente com suas ideias pedagógicas, com a reivindicação não somente da escola primária para todos, mas também da educação pré-escolar, “las cunas públicas” e “las salas de asilo” [creches públicas e escolas maternais/jardins de infância] (*Viajes* 84, 209; *De la Educación popular* 7-10, 92). Apoia sua recusa à ociosidade de aristocratas e escravistas e seu culto ao trabalho não-alienado (81). Nunca abandona a preocupação central de toda a sua vida: como é possível construir uma sociedade civilizada, justa, republicana, moderna e seu respectivo Estado?

Entónces la política, la constitucion, la forma de gobierno, quedarán reducidas a esta simple cuestion, ¿Cómo han de entenderse los hombres iguales entre sí, para proveer a su subsistencia presente i futura, dando su parte al capital puesto en actividad, a la intelijencia que lo dirige i hace producir, i al trabajo manual de los millares de hombres que hoi emplea, dándoles apénas con que no morirse, i a veces matándolos en ellos mismos, en sus familias i en su projenie? (85).

Finalmente, depois de uma dezena de páginas sobre a importância das letras francesas e suas leituras, sobre sua viagem mental antes da viagem real, aborda o tema central da carta, sua chegada à França:

Baste ya de ideas abstractas, i para despejar su espíritu de estas serias preocupaciones, póngase V. con migo a bordo de la *Rose*, que ya vamos llegando a Francia (85).

Depois de recair em outra digressão, reminiscências sobre a vida a bordo e reflexões sobre a relatividade do termo *estrangeiro*, continua:

Las costas de Francia se diseñaron al fin en el lejano horizonte. Saludábanlas todos con alborozo, las saludaba tambien yo, sintiéndome apocado i medroso con la idea de presentarme luego en el seno de la sociedad europea, falto de trato i de maneras, cuidadoso de no dejar traslucir la *gaucherie* del provinciano, que tantas bromas alimenta en Paris (86).

Outra vez tem medo de sua timidez, de cair em certa torpeza, ou seja, *gaucherie*, como ele diz em francês, talvez uma alusão a gaúcho, um jogo de palavras que também aparece em *Facundo*.<sup>16</sup> Contudo, o filho do país dos gaúchos, finalmente, não se comportaria como um *gauche* em Paris; vai praticando uma disciplina das emoções e movimentos corporais, de cuidado com o semblante, com a gesticulação, fala, indumentária e uma determinada autoencenação que relembra o que disse Norbert Elias sobre o lado psíquico do processo civiliza-

---

<sup>16</sup> *Facundo*, cap. XIV, 206. Etimologicamente, “gaucho” não tem nada a ver com “gauche” ou “gaucherie”, mas aqui o autor, através de seu jogo de palavras, insinua uma relação pelo menos geográfica e metonímica e, portanto, semântica.

tório, autocontrole esse que não deve ter sido fácil para Sarmiento, pois tinha um temperamento forte e impulsivo. Chega o grande momento do desembarque, contado não sem ironia e autoironia:

Saltábame el corazon, al acercarnos a tierra, i mis manos recorrian sin meditacion los botones del vestido, estirando el fraque, palpando el nudo de la corbata, enderezando los cuellos de la camisa, como cuando el enamorado novel va a presentarse ante las damas. *La Rose* entra en los *docks*, o *bassins* (no conozco la palabra castellana que supla estos nombres), atraca al borde de madera de los canales, i una innoble turba de criados elegantemente vestidos nos asalta, nos grita, escala el buque por las maromas, nos rodea como moscas, nos apesta con su aliento, se insinúa en nuestras manos i en nuestros bolsillos para depositar una tarjeta con el nombre del hotel que los envia. [...] Eh! la Europa! triste mezcla de grandeza i de abyeccion, de saber i de embrutecimiento a la vez, sublime i sucio receptáculo de todo lo que al hombre eleva o le tiene degradado, reyes i lacayos, monumentos i lazaretos, opulencia i vida salvaje! (86).

Parece um pouco barroca a frequente predileção de Sarmiento pelos contrastes e paradoxos, também pelo jogo de ilusão-desilusão, engano-desengano, misturado muitas vezes com humor e sátira. Esta, na passagem citada, se refere ao espírito comercial dos primeiros franceses que se apresentam diante de seus olhos e ouvidos depois de sua chegada a Le Havre. Por outro lado, a decepção tem algo de consolador: se a França não se comporta tão educada e civilizadamente como pretende, tampouco pode ser tão exigente com respeito aos estrangeiros. E se um estrangeiro é, como homem civilizado, também um cidadão francês, mais direito tem de criticar os franceses.

## **A capital dos *flâneurs* e da civilidade**

O que Sarmiento vê, descreve e narra na França? Quase não fala de temas românticos, da natureza, do campo, dos bosques, conventos, castelos ou povoados, históricos ou atuais. E pouco se deixa empolgar emocional ou intelectualmente pela engenharia moderna, por máquinas e fábricas, ainda que aprecie sua importância prática e econômica. O trem de Rouen a Paris, o primeiro que vê e utiliza em toda sua vida, o fascina durante três linhas escritas, nada mais.

O que realmente o fascina na França, além da literatura e do pensamento social tratados no começo e da política tratada no final de seu relato, é a cidade, a grande cidade, a metrópole, não tanto seus detalhes técnicos e arquitetônicos, mas o conjunto da vida urbana: os espaços públicos, os bulevares, as luzes, as modas, os cafés, os jornais, as mercadorias, as obras de arte, a modernidade, o progresso, as posturas, as mentalidades e os modos dos cidadãos e cidadãos.

Não é por coincidência que civilização, cidadão e cidade sejam etimologicamente vinculadas com *civitas*, conjunto organizado dos *cives* de uma cidade, cujo modelo é a antiga Roma republicana. Para Sarmiento, a cidade é berço e foco da civilização, tanto no sentido de progresso instrumental, como no ético-político, da *res publica*. E a cidade das cidades em tempos modernos é Paris, a cidade mais encantadora do Ocidente, a Meca da Civilização europeia e, portanto, para ele, universal. A Inglaterra podia ter o capital, mas a França tinha a capital, a capital do mundo civilizado, a capital do século XIX, segundo Walter Benjamin. Sarmiento não se interessa tanto pela Paris medieval, apesar de sua simpatia por Victor Hugo, mas sim pela Paris contemporânea, moderna, luminosa, científica, elegante, contraditória, versátil, multifacetada, cosmopolita, voltada para o futuro. Embora as grandes reformas urbanísticas de Haussmann ainda não tivessem começado.<sup>17</sup>

Sua predileção pela cidade não se deve somente às suas ideias sobre civilização, mas também a uma questão de gosto, sensibilidade e idiosincrasia. Apesar de proceder de uma cidade muito pequena, San Juan, uma vila perdida nos *llanos*, planícies semidesérticas aos pés dos Andes, Sarmiento era um homem eminentemente urbano, como se houvesse uma harmonia pré-estabelecida entre ele e a grande cidade, de modo que, chegando a Paris se sentiu imediatamente como um peixe n'água, em seu ambiente apropriado, em casa.

Diferentemente do que se poderia esperar de um admirador de Fourier, com seu pragmatismo social, sua ética de trabalho comunitário, seu entusiasmo pelas tecnologias modernas, o que interessa a Sarmiento preferencialmente na capital da França não são as esferas da indústria<sup>18</sup>, do comércio e das obras sociais, nem os detalhes da arquitetura, mas sim outras três: o ócio, a estética, a política. E a figura que lhe parece mais representativa da grande cidade não é nem o proletário, nem o burguês, nem o professor, nem o jornalista, mas o *flâneur*, a chave, por assim dizer, para entender Paris.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Sobre a importância de Paris como mito e miragem para os intelectuais latino-americanos, de Bolívar a Cortázar, ver o valioso estudo de Nelle, 1996. Este pesquisador, entretanto, exagera parcialmente o aspecto, em princípio inegável, do desencantamento que os viajantes viveram ao conhecer a capital francesa. Pois todas as decepções não destruíram, em essência, a enorme admiração que conservaram por ela os latino-americanos, incluindo Sarmiento.

<sup>18</sup> Ainda que “indústria” seja uma palavra-chave em *Viajes* e em todo pensamento político e pedagógico do autor, ele não gostava de visitar fábricas. Ver *Viajes*, 4, onde tenta justificar este desinteresse com sua incapacidade de entender o funcionamento das maquinarias. Uma explicação apenas parcialmente convincente para um homem enciclopédico e mentalmente entusiasmado pelo processo da industrialização. A outra verdade é que as áreas do ócio, da cultura, das diversões, lhe interessam muito mais, no plano emocional e artístico, pois é um homem que quer gozar a vida e realizar suas veleidades estéticas. Outra vez, uma oposição entre o ideólogo e o artista na personalidade de Sarmiento.

<sup>19</sup> A carta para Aberastain, ou seja, o relato sobre Paris, começa, depois de tratar brevemente de conhecidos em comum da América do Sul, e personagens ficcionais de Eugène Sue, com reflexões sobre a palavra e a figura do *flâneur*.

*Flanear* es un arte que solo los parisienses poseen en todos sus detalles; i sin embargo el extranjero principia el rudo aprendizaje de la encantada vida de Paris por ensayar sus dedos torpes en este instrumento de que solo aquellos insignes artistas arrancan inagotables armonías (99).

Para entrar realmente na capital francesa, o viajante tem que se tornar um *flâneur*, ou seja, aprender a ser parisiense, porque o *flâneur* é um parisiense *par excellence*, e, por outro lado, para ser *flâneur* há que se tornar parisiense, o que dificulta a aprendizagem para um estrangeiro, sobretudo quando vem de um país marginal. Contudo, Sarmiento parece ser um bom aluno:

*Je flâne*, yo ando como un espíritu, como un elemento, como un cuerpo sin alma en esta soledad de Paris; ando lelo; parece me que no camino, que no voi sino que me dejo ir, que floto sobre el asfalto de las aceras de los bulevares<sup>20</sup> [...] Solo aquí puedo a mis anchas estasiarme ante las litografías, grabados, libros i monadas espuestas a la calle en un almacén; recorrerlas una a una, conocerlas desde lejos, irme, volver al otro dia para saludar la otra estampita que acaba de aparecer. [...] Por otra parte, es cosa tan santa i respetable en Paris el *flâner*; es esta una funcion privilegiada, en que nadie osa interrumpir a otro. El *flâneur* tiene derecho de meter sus narices por todas partes (100).

Tornar-se flanador é um método de integrar-se à cidade dos sonhos, deixar de ser o outro, o turista, o estrangeiro de um país periférico e com pouco prestígio, sem que isso signifique uma real e rotineira integração. De certa forma, até o *flâneur* autóctone, como indivíduo e elemento da multidão, vive no limite entre integração e alheamento, de modo que este papel se presta mais que outros a ser assumido por um estrangeiro que deseja se esquecer, por momentos, desta sua condição. Sarmiento parece ser não somente um bom ator, mas também passa realmente por uma metamorfose aprendendo a ser parisiense. Como *flâneur*, é caminhante urbano entre outros, um observador participante, já não identificável como forasteiro, pelo menos quando não fala, pois seu sotaque o denunciaria como estrangeiro.<sup>21</sup> Por isso, prefere ser um mudo participante-espectador do mundo urbano e de outros flanadores, também espectadores-participantes. Pois

---

<sup>20</sup> Na primeira edição do 1º volume de *Viajes*, de 1849, no lugar de “bulevar” aparece “baluarte”, (Sarmiento 2007, 106), um francesismo somente inteligível para quem sabe francês e castelhano e um pouco de etimologia, pois tanto ‘boulevard’ como ‘baluarte’ provêm do neerlandês ‘bolwerk’ ou do alemão ‘Bollwerk’, que significa justamente ‘baluarte’, visto que os primeiros bulevares foram construídos no lugar de antigas fortificações. Outro caso de um galicismo semi-hermético é “baño”, do francês “baigne”, no sentido de “cárcere” (103).

<sup>21</sup> Outra condição de o viajante não ser identificável como estrangeiro é sua aparência europeia, que o ajuda a evitar problemas de discriminação, dos quais sofreriam certamente um africano ou um índio na Paris do século XIX. O seu fenótipo europeu, sobre o qual Sarmiento não reflete, deve haver facilitado seu elogio à civilização europeia e seu sentimento de pertencer a ela.

o *flâneur* se comporta como turista-dândi em sua própria cidade: um homem com bastante tempo disponível, livre da necessidade de trabalhar todos os dias, com gosto estético e discreta elegância. Alguém que, pelo menos no momento de flunar, se distingue da maioria do povo, das classes trabalhadoras, sem chamar a atenção por alguma extravagância, combinando alteridade e propriedade, estranheza e autoctoneidade, marginalidade e pertencimento. Um nômade sedentário em que a oposição entre o alheio e o próprio parece neutralizada.

Difícilmente Sarmiento poderia ter lido Baudelaire, que ainda era um desconhecido em 1846, mas há afinidades entre as concepções que ambos têm do sujeito ocioso e sensível que perambula pelo espaço urbano: enquanto Sarmiento “flutua” pela cidade, o poeta francês, ou seu eu lírico, toma um “bain de multitude”<sup>22</sup>; e ambos falam do prazer da solidão dentro da multidão, graças ao anonimato na grande aglomeração. Ambos gostam de indagar, de observar as ruas, as lojas, as mercadorias, as mulheres, as obras de arte, os livros. Além de se entregarem ao acaso, à corrente coletiva, à curiosidade, sentindo-se distraídos pelos numerosos movimentos e ruídos na rua, passeando sem esforço, sem pressa, sem objetivo concreto, em busca de algo que não sabem o que é. Sentem uma afinidade entre a arte e o flunar, entre o artista e o flanador, com uma diferença: para Baudelaire, o verdadeiro *flâneur* é artista ou poeta, enquanto que para Sarmiento a própria ‘atividade’ de *flâner* é uma arte, ou seja, através do flunar qualquer um se converte em artista, ou se revela como tal, sem sê-lo necessariamente no sentido literal. Como de modo tendencial quase todos os parisienses podem ser, até certo ponto e de vez em quando, flanadores, todos são artistas potenciais, assim como todos os argentinos seriam, segundo a generalização hiperbólica do autor, gaúchos e poetas<sup>23</sup>. Flunar, para ele, portanto, é uma arte menos seleta que para Baudelaire, mais democrática, ainda que não necessariamente popular, porque pressupõe um certo nível de vestuário, modos e conhecimentos estéticos, já que o *flâneur* não quer somente ver mas ser visto, oferecendo uma aparência agradável, e olhando o mundo circundante com olhar de *connaissanceur*, condição de difícil acesso para um proletário. *Flâner* é uma expressão do *savoir-vivre*, de uma cultura cotidiana elevada, de gosto estético que se transformou em atitude, em postura, em *habitus*.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Baudelaire 1956, 295 (“Le Spleen de Paris”, XII). A figura do *flâneur* pertencia ao imaginário dos literatos e leitores de Paris, já bem antes de Baudelaire, estando presente, por exemplo, em Heinrich Heine e em Victor Hugo, e sendo tema de folhetim dos jornais; ver Keidel 2006, especialmente 12-21; y também Schlör 1998. O exemplo de Baudelaire mostra que o flanador, embora não pertencesse ao proletariado, podia ser pobre, e com uma atitude anti-burguesa, mas no fundo apolítica, vinculada à boemia.

<sup>23</sup> “¡La soledad, el peligro, el salvaje, la muerte! He aquí ya la poesía: el hombre que se mueve en estas escenas, se siente asaltado de temores e incertidumbres fantásticas, de sueños que le preocupan desierto. De aquí resulta que el pueblo argentino es poeta por carácter, por naturaleza” (*Facundo* 40-41).

<sup>24</sup> Um dos programas de governo de Sarmiento, como de outros governos liberais, era urbanizar as cidades argentinas segundo o modelo de Paris, com grandes bulevares, largas calçadas, elegantes tea-

*Flâner* transcende o ser parisiense. ‘Flano, logo sou’ poderia ser o lema de Sarmiento em Paris. As particularidades se perdem até certo ponto, a nacionalidade, a crença religiosa, a classe social, quase todas as diferenças se dissolvem na multidão e na existência estética do *flâneur*. Sua curiosidade o aproxima de outros *flâneurs*, de tal modo que formam uma espécie de sociedade de individualistas típica da grande cidade anônima. Ele olha tudo com atenção, mas ludicamente, sem intenção nem utilidade concreta. O narrador-flanador sarmientino, no entanto, não compartilha o *spleen*, o fastio e tédio de seu ‘colega’ baudelairiano, não tem o mesmo matiz melancólico, resignado e amargurado, sendo mais ingênuo, juvenil, alegre, voltado para o futuro.<sup>25</sup> A cidade como um todo lhe parece uma obra de arte de que desfruta esteticamente, levando-nos a pensar na famosa definição de beleza, em Kant, como fonte de “um deleite desinteressado”, ou seja, um prazer destituído de fins práticos. Por outro lado, esta atitude estética prevalece passageiramente, sobretudo durante sua estadia em Paris, pois, em geral, Sarmiento mantém uma atitude um tanto pragmática, de colecionador de informações, de mensageiro cultural e de professor.<sup>26</sup>

Não diz claramente, mas insinua que as virtudes de civilidade e urbanidade, que facilitam a convivência das pessoas, se manifestam de modo especial na arte do *flâneur*, cujos modos educados parecem estender-se a toda a população.

El pueblo de Paris tiene la relijion de la *adresse*.<sup>27</sup> [...] i es fama i opinion comun que solo en Francia i sobre todo en Paris se encuentra esta benevolencia pública, esta bondad fraternal (101).

A civilização se manifesta em pequenos detalhes cotidianos, nos modos pacíficos, estética e eticamente agradáveis de administrar e praticar as relações sociais, na cortesia, amabilidade, graça – o oposto da rudeza, da violência, da brutalidade, da opressão. Para Sarmiento, a cortesia dos parisienses é exemplar, digna de ser imitada pelos moradores das cidades americanas. Na expressão “bondade fraternal” parece ressoar o famoso lema revolucionário: *liberté, égalité, fraternité*, ideais que Sarmiento sempre apreciou, pelo menos teoricamente.

---

tros, amplos parques, áreas de diversão e recreação, espaços públicos para os cidadãos, as multidões, os *flâneurs*, obras que são, também, consequências diretas e indiretas das viagens e dos relatos de viagens.

<sup>25</sup> O espírito otimista diante do progresso civilizatório, que já havia sido questionado por escritores e filósofos desde o Romantismo, talvez fosse característico de um olhar periférico, proveniente de países jovens, aparentemente sem passado, e com grandes vocações para o futuro.

<sup>26</sup> Pagni 2000, 38-39, vê aqui uma sátira do furor colecionador dos viajantes cientistas, o que é plausível; mas algo desse furor Sarmiento tinha também, uma insaciável curiosidade por quase todas as coisas, exceto pelas ciências naturais. David Viñas caracteriza esse afã de conhecer e conquistar Paris como “balzaquiano”, e realça a duplicidade de seus interesses: “En Sarmiento el programa utilitario y las tentaciones estéticas coexisten”, Viñas 1974, 154.

<sup>27</sup> “Adresse”, neste contexto, significava ‘tato’, ‘delicadeza’, ‘cortesia’.

## A festa como utopia de integração social

Sarmiento fala pouco do pauperismo, enorme problema social da época, consequência de uma industrialização precipitada e selvagem, importante assunto na opinião pública e nas incipientes ciências sociais. Alexis de Tocqueville, que Sarmiento tanto apreciava pelo seu famoso estudo *De la démocratie en Amérique*, de 1835, publicou no mesmo ano seu *Mémoire sur le paupérisme*, que o autor argentino parece ignorar, como também outro livro que teve grande repercussão em toda a Europa, inspirando Proudhon, Marx, Engels e outros pensadores sociais: Eugène Buret, *De la misère des classes laborieuses en Angleterre et en France* (1840). A questão social aparece também em um romance muito popular, citado tanto em *Facundo* como em *Viajes: Les Mystères de Paris*, de Eugène Sue.<sup>28</sup>

Sarmiento menciona sim, brevemente, os pobres, quando evoca os prazeres públicos, as festas, os bailes, os espetáculos, as corridas de cavalos, todos os tipos de festejos populares. Parece apreciar sobremaneira essas diversões de massas, pois lhes dedica muitas páginas, talvez as mais bonitas e entusiasmáticas de suas cartas-relatos, joias de prosa poética, como a narração do carnaval de Roma, as touradas na Espanha ou os bailes e espetáculos em Paris.

Uma área na qual Sarmiento vê a democracia já realizada ou mais fácil de ser realizada é, como se sabe, a educação primária para todos. Assim, tem sua lógica a passagem abrupta deste tema ao dos prazeres públicos, pois nos dois se manifesta a índole da nação e um ideal da humanidade:

Mis estudios sobre la educacion primaria me ponen en contacto con *savants*, empleados i hombres profesionales; pero hai aun otro costado de Paris que me ha llamado profundamente la atencion, i son sus placeres públicos, i la influencia que ejercen sobre las costumbres de la nacion (122).

As festas públicas têm, por assim dizer, um caráter educativo e civilizador para todas as classes, também para as marginalizadas. O leitor poderia ser levado a pensar em Schiller e sua concepção da educação do povo através da arte e do jogo. Pelo menos implicitamente, Sarmiento equipara duas instituições de educação do povo: a escola pública e a festa pública, a primeira para os jovens, a segunda para os adultos.

[...] la [parte] positiva de los bailes públicos [...] es que la sociedad se *igualiza*, las clases se pierden, la mujer de clase ínfima se pone en contacto con los jóvenes de alta alcurnia, los modales se afinan, i la unidad i homogeneidad del pueblo queda establecida;

<sup>28</sup> Sarmiento sabe, naturalmente, do problema do pauperismo; menciona-o ao final de sua carta escrita em Orã (Argélia), em janeiro de 1847, mas somente para sugerir que os pobres da Europa sejam convidados a emigrar para a Argentina (202).

el público se constituye, i una miaja de gloria cae tambien a los piés de la mujer del bajo pueblo, entre los placeres con que aturde su miseria, o su vileza. La luz suministrada a torrentes, la música de los maestros, [...] aquel lujo i aquel gusto en fin prodigado en el lugar que el roto o la hija del artesano de Paris llama suyo por un momento, concluyen por ennoblecer su espíritu, iniciarlo en la civilizacion, i hacerle aspirar a una condicion mejor (125).

A democracia, o diálogo pacífico entre as classes, uma relativa igualdade – que ainda não são possíveis no nível político, e muito menos no nível sócio-econômico – são, por instantes, possíveis no nível sociocultural, em espaços públicos, através de diversões coletivas, onde a cultura popular e a cultura das elites se roçam ou até se mesclam. Grande parte do prazer que sente o leitor, junto com o narrador-viajante, deve-se à alegria generalizada do povo em festa, onde se misturam não somente atores, figurantes e espectadores, mas também as classes sociais, nas quais a hierarquia social se neutraliza efemeramente, o que confere a essas cenas um caráter quase utópico, reflexo antecipado de uma futura felicidade geral. Também se confundem os limites entre o belo e o politicamente útil, pois as festas agradam esteticamente e promovem a convivência pacífica. Sabe o autor, no entanto, que a pobreza dificulta um modo de vida e uma mentalidade civilizada, pois se a festa pode incluir os pobres, por momentos, na civilização, é porque normalmente estão excluídos dela por falta de recursos, ideia que ele não aprofunda.

### **Transferência ou diálogo cultural?**

Há quem considere Sarmiento um cego admirador, imitador e importador de culturas estrangeiras, europeias, hegemônicas, um pensador e político neocolonialista ou pró-imperialista – julgamento compreensível, pois parcialmente procedente, mas simplificado e em parcialmente injusto.<sup>29</sup> É verdade que as frequentes generalizações do polemista Sarmiento podem ofuscar as atitudes e reflexões matizadas do observador sensível e empático, que muitas vezes também é. *Viajes*, como outras obras do autor, exige uma leitura diferenciada e multidimensional, atenta à alusões, insinuações, ambivalências, incoerências e contradições nas atitudes, opiniões e juízos do autor.

Poucas são suas afirmações totalmente inequívocas e coerentes diante da realidade francesa e das relações entre a Europa e a América Latina. Alternam-se ou misturam-se, por exemplo: sentimento de inferioridade e orgulho patriótico diante de uma civilização considerada superior, entusiasmo pelos valores

---

<sup>29</sup> Sobre este chamado revisionismo da imagem de Sarmiento, ver Halperin Donghi 2005.



civilizatórios e sátira do mesmo, sentimento de familiaridade e de estranheza, olhar periférico e olhar metropolitano, fascinação pela política francesa e sua condenação, valorização burguesa do trabalho e elogio às diversões, ideologia utilitarista e apoteose do *flâneur* com seu *far niente*, cosmopolitismo e patriotismo, autoencenação com auto-elogio e admissão de fraquezas próprias, individualismo autocentrado e vontade de dissolver-se na multidão, otimismo e pessimismo diante do progresso civilizatório. Estas ambivalências psicológicas e estilísticas, que provocam certa distância com respeito a uma linguagem consequentemente lógica-discursiva, distinguem suas cartas-artigos de textos meramente informativos e lhes conferem um caráter claramente literário, ainda que só pontualmente ficcional.

Uma leitura diferenciada permite perceber, como fio condutor, uma oposição entre suas convicções de ideólogo liberal, fixas, rígidas, obsessivas, burguesas, eurocênicas, colonialistas, vinculadas à famosa dicotomia Civilização e Barbárie, por um lado, e por outro a radical subjetividade do escritor patriótico, sua profunda impressionabilidade e enorme curiosidade de artista, indo até a empatia com o ocioso, o lúdico, o inútil, elementos que deveria rejeitar conforme sua própria ideologia pragmática e utilitarista. Esta sinceridade, abertura para o real e aceitação de certas incoerências, é o que gera a riqueza e a atualidade das observações, imagens e reflexões que o Ulisses argentino envia do mundo civilizado em direção ao seu país, para que este possa educar-se e tornar-se independente, integrando-se à comunidade das nações civilizadas.

A transnacionalidade da civilização, a presença de traços civilizados na periferia, assim como alguns traços incivilizados da própria metrópole ajudam ao viajante sul-americano a relativizar seu inicial sentimento de inferioridade, típico do olhar periférico. Este, progressivamente é diferenciado e complementado por um olhar soberano que supera a oposição metrópole-periferia. Se a civilização é essencialmente universal, a condição periférica de um sul-americano se dissolve, pelo menos parcialmente, assim como a metropolidade dos europeus. Isso se manifesta mais claramente quando o viajante da periferia tem uma alta competência civilizatória, e quando seus interlocutores metropolitanos violam princípios civilizados.

A própria dicotomia – civilização e barbárie – que atravessa toda a obra e vida desse viajante quase vitalício, revela-se cada vez mais polivalente e duvidosa, pois como ideólogo marcado pelo Iluminismo, Sarmiento valoriza a civilização, buscando-a na Europa e transferindo-a para a América Latina, em uma espécie de catequese modernizadora, em que combate e denigre as formas de vida e de cultura pré-modernas e não europeias. Porém, como escritor romântico, como leitor de Herder, Rousseau e Victor Hugo, como patriota e homem – às vezes – sensível e entusiasmado com o povo humilde em toda parte e com o interior do continente americano, Sarmiento se afasta desse racionalismo

utilitarista para valorizar o Outro, o Alheio, o Selvagem e seu espaço. Simpatiza com aspectos daquilo que chama de barbárie, levando-a simbolicamente da Argentina à Europa, através de seus escritos e conversas e discursos. Pois o elemento genuinamente nacional pode ser atrasado, inculto, bárbaro, mas é aquele que pertence à pátria, constituindo sua identidade. Ou seja, o outro bárbaro é também o próprio da Nação, talvez até seu núcleo, indispensável para a afirmação da diferença e identidade da Argentina e da América do Sul frente ao resto do mundo. A civilização, europeia e transnacional, presente também nas cidades argentinas, e a barbárie, nacional e ibero-americana, presente também na Europa, não somente se combatem, mas também se complementam e se condicionam. Não se deve esquecer que a dicotomia no título de *Facundo* reza “civilização e barbárie” com a conjunção “e”. Em muitos comentários, não sem culpa do próprio Sarmiento, ela foi trocada erroneamente por “ou”, como se fossem alternativas excludentes. Porém, no fundo, não se tratava de substituir uma das tendências históricas pela outra, mas sim de conjugá-las, por mais difícil que fosse.<sup>30</sup>

Na França, o autor observa que nem todos os males sociais, morais e políticos do mundo vêm da periferia; elementos bárbaros existem também na metrópole, no centro da civilização, onde há sinais modernos de “abjeção”, “embrutecimento” e “vida selvagem”, como o cinismo, o oportunismo, e, inclusive, entre a elite social, sob formas mais sofisticadas, a fraude eleitoral, a corrupção, a burla à Constituição e às leis, o saque aos cofres públicos, que são crimes das elites políticas da França, berço, foco e quase santuário da civilização. Sarmiento caracteriza o governo francês, o parlamento e todo o sistema político, julgando-os conforme os valores civilizados da legalidade e da honestidade, como “jarron dorado que contiene agua sucia” (108) [um vaso dourado que contém água suja]. O governo compra o deputado, e este compra os eleitores, direta ou indiretamente. O rei, os ministros, o parlamento, a justiça, a imprensa: todos corruptos (114-118): os debates no parlamento: espetáculos comparáveis com uma rinha de galos (110). Guizot, o grande historiador e agora primeiro ministro, admirado há anos por Sarmiento, ainda que criticamente, revela-se, visto de perto, um cínico, um oportunista e um traidor dos valores centrais da civilização (116-117).

Em outros países civilizados, há outros fenômenos incivilizados: nos Estados Unidos, por exemplo, a escravidão. A mentira, irresponsabilidade, violência, miséria em escala institucional e sistemática – tudo isso não pode vir de fora, nem do Pampa, nem da Argélia, nem de outros espaços ou populações “selvagens”, mas de dentro. A barbárie não é própria dos países arcaicos, extraeuropeus, não é mácula limitada a certas regiões, culturas ou raças, sul-americanas

---

<sup>30</sup> Sobre a conjunção “e” ver Svampa 2006.

ou africanas, fora ou à margem do mundo civilizado. Ao contrário, a civilização está ameaçada por sua tendência autodestrutiva, pois é em seu seio onde se produz sua própria contradição. O sangrento Rosas e os caudilhos do Pampa têm seus aliados no centro do poder da metrópole, os quais, com toda sua corrupção, sua ignorância, seu apoio à barbárie argentina, nasceram e se formaram na França, em Paris, nos centros do saber e do poder. Há em *Viajes*, implicitamente, um certo pressentimento de uma ‘dialética da civilização’, que prenuncia, de longe, o pessimismo da *Dialética do Esclarecimento*, de Horkheimer y Adorno.

No hai verdad ninguna reconocida. Los pueblos no marchan a un fin, la historia no tiene hilacion; hai hechos, *voilà tout*, i el hecho consumado es la lei del jénero humano (117-118).

Contudo, esses estados de desanimo e relativismo pessimista não duram. E com o passar dos dias, lugares, temas, pessoas, mudam até certo ponto, também as impressões, os estados de ânimo e as ideias. Viajar para Sarmiento significa, também, o que na história da cultura alemã seria uma *Bildungsreise* [viagem de formação], cujo grande modelo é a viagem de Goethe à Itália, empreendida para o desenvolvimento e a formação da personalidade do viajante, um processo de aprendizagem através da observação de outras vidas, outras políticas e outras culturas.<sup>31</sup> No essencial, apesar de muitos defeitos, a Europa continua sendo positiva e exemplar, uma mestra. No entanto, a aprendizagem deve ser recíproca, pois o ‘aluno’ dos europeus também pode ser ‘professor’ de seus ‘professores’. O viajante, ainda que seja de um país culturalmente ‘inferior’ e periférico, pode dar várias ‘lições’ aos seus interlocutores metropolitanos.

Uma das mensagens é a valorização, por mais ambivalente que seja, do não-europeu, do mestiço e do selvagem, não somente através do folclore, mas através de bens de pensamento e da cultura erudita. Se, em nível de bens materiais, a América do Sul não dispunha ainda de produtos sofisticados

---

<sup>31</sup> A comparação da viagem de Sarmiento com o tradicional *grand tour* como acabamento e aperfeiçoamento da educação de um jovem da aristocracia ou alta burguesia (cf. Torre, 2012, 464) pode ser elucidativa, porém mais pelas diferenças do que pelas afinidades. Pois, Sarmiento que não era nem da nobreza, nem da alta burguesia, nem da classe latifundiária, tinha o *habitus* de um pequeno burguês e de um *self-made man*, ascendendo socialmente por seus próprios esforços e méritos. Diferentemente dos membros da *jeunesse dorée*, não tinha quase nenhuma educação formal, nem mentor ou preceptor para preparar e para realizar a viagem. Se era, de certa forma, discípulo, o era de si mesmo, ou seja, seu próprio mentor, professor, preceptor. Sua viagem tem mais afinidades com aquilo que em alemão se chamava *Bildungsreise*, viagem de formação e aperfeiçoamento da personalidade, que era a contrapartida burguesa do aristocrático *grand tour*. Sarmiento procura conscientemente o desenvolvimento de sua personalidade, de forma muito mais racional que os viajantes do *grand tour*, que não necessitavam realmente trabalhar na vida antes, durante e depois da viagem. Sarmiento, ao contrário, trabalhou sempre, inclusive durante a viagem, fazendo pesquisas pedagógicas, o que destoa completamente do *grand tour*. O que também não pertence ao *grand tour*, centrada nas grandes atrações e instituições artísticas e culturais da Europa, é sua breve excursão à Argélia, que tem elementos de uma viagem etnográfica e de aventura.

para exportar, no nível das ideias e das artes, sim, tinha algo a oferecer aos europeus, e, eventualmente, aos norte-americanos. Um exemplo foi Esteban Echeverría, com sua epopeia lírica *La Cautiva*, e o próprio Sarmiento com *Facundo*, obras de literatura erudita, eurocêntricas, mas que devem sua originalidade em grande parte a elementos da cultura popular e à temática da ‘barbárie’ (*Facundo* 39-41).

Sarmiento também quer informar os europeus sobre sua terra de origem, sobre a questão do Rio da Prata, por exemplo, não aceitando nem a ignorância nem o monopólio interpretativo das elites europeias. Essa lição não é puramente acadêmica, e poderia, eventualmente, ter consequências práticas, econômicas, políticas e culturais.

Finalmente, o viajante pode, como ‘aluno’ fervoroso e ao mesmo tempo visionário, como profeta da civilização universal, chamar a atenção dos metropolitanos sobre o contraste entre seus princípios civilizadores e a realidade parcialmente incivilizada ou bárbara em seus próprios países, um déficit que um observador externo, benevolente, mas escandalizado e desenganado, talvez discirna mais claramente do que alguém de dentro. Submetendo personalidades e instituições europeias à sua ironia humorística ou sarcástica, relativiza a hierarquia entre as culturas da metrópole e da periferia.

Sarmiento foi um agente fundamental para o intercâmbio cultural entre a Argentina e o resto do mundo, um importador autoritário de cultura europeia, mas também um incansável transculturador. Foi mais dialogal e mais complexo como literato do que como pensador, e mais dialogal e complexo como pensador do que como político. O pensador tem mais limitações e preconceitos do que o literato, e o político mais do que o pensador, pois a imaginação literária é mais livre do que o pensamento social sujeito a regras de lógica e coerência, e o pensamento é mais livre do que a atuação política dependente de instituições, alianças, oposições, estruturas econômicas e sociais.

A transferência de conhecimentos, habilidades, instituições e sensibilidades que Sarmiento propaga não é simplesmente unidirecional; ele também preconiza um processo de duas mãos, uma transculturação recíproca. Seu olhar a partir da periferia procura tendencialmente um intercâmbio de olhares, um diálogo em pé de igualdade. A Europa também pode aprender algo com a América do Sul; ambos têm uma espécie de mais-valias culturais e ambos têm déficits. Pois o afã sarmientino de aprender com a Europa não significa mera subordinação ou imitação, mas sim intenção de construir uma Argentina e uma América Latina mais democrática, material e culturalmente mais rica, mais independente através de uma transferência seletiva, transformadora e incorporadora de conhecimentos, aptidões e atitudes, de acordo com as necessidades da população e do Estado nacional, que também é, como conceito, civilizado e, portanto de certa forma cosmopolita. É o que deve ter inspirado o liberal-

-democrata e marxista que foi Mariátegui a encontrar afinidades com o liberal-democrata, e às vezes elitista, que foi Sarmiento:

Não falta quem me suponha um europeizante, alheio aos fatos e às questões de meu país. Que minha obra se encarregue de justificar-me, contra esta barata e interessada conjectura. Fiz na Europa minha melhor aprendizagem. E creio que não há salvação para a Indo-América sem a ciência e o pensamento europeus ou ocidentais. Sarmiento, que é ainda um dos criadores da argentinidade, foi em sua época um europeizante. Não encontrou melhor maneira de ser argentino.<sup>32</sup>

## Referências

### Textos de Sarmiento

- Sarmiento, Domingo Faustino. *Viajes por Europa, África i América 1845-1847*. Edición crítica, Javier Fernández, coordinador. Madrid: CSIC, 1993 (Colección Archivos, n° 27) [1849-1851].
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Viajes en Europa, África i América* (1849). 1ra Edición del Primer Tomo. Colab. Andres Tronquoy. Buenos Aires: Biblioteca Nacional Argentina; Proyecto Sarmiento para la Biblioteca del Bicentenario, 2007. Disponível em: <http://www.proyectosarmiento.com.ar/trabajos.pdf/viajes1.pdf> ou: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/viajes-en-europa-africa-i-america-1849--0/> (acesso junho 2016)
- Sarmiento, Domingo Faustino. “Diario de Gastos. Durante El viaje por Europa i America emprendido Desde Valparaíso el 29 de Oct° de 1845. Por Domingo F. Sarmiento.” Presentación y transcripción de Paul Verdeoye. In: Domingo Faustino Sarmiento. *Viajes por Europa, África i América 1845-1847*. Edición crítica, Javier Fernández, coordinador. Madrid: CSIC, 1993, 467-568.
- Sarmiento, Domingo Faustino. “Informe presentado al Ministro de Instrucción Pública” [1848], In: Sarmiento, Domingo Faustino. *Educación popular*. Con presentación de Juan Carlos Tedesco e Ivana Zacarías. La Plata: UNIPE, Editorial Universitaria, 2011, 37-43. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/de-la-educacion-popular--0/> (acesso junho 2016).
- Sarmiento, Domingo Faustino. *De la educación popular*. Santiago: Julio Belin, 1849. También in: Sarmiento, Domingo Faustino. *Educación popular*, con presentación de Juan Carlos Tedesco e Ivana Zacarías. La Plata: UNIPE Editorial Universitaria, 2011, 47-313. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/de-la-educacion-popular--0/> (acesso junho 2016).
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Memoria sobre educación común.*, presentada al Consejo Universitario de Chile. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1856. Disponível em: [http://openlibrary.org/works/OL1161896W/Memoria\\_sobre\\_educacion\\_comun](http://openlibrary.org/works/OL1161896W/Memoria_sobre_educacion_comun) (acesso junho 2016)

---

<sup>32</sup> Mariátegui 1979, 4. O julgamento deste famoso pensador da esquerda latino-americana, escrito nos anos vinte, é particularmente notável porque quase na mesma época começou na Argentina o chamado revisionismo entre alguns historiadores de direita e também de esquerda peronista, reabilitando Rosas como guardião dos valores nacionais e latino-americanos e denunciando Sarmiento, justamente como europeizante, anti-nacional e servidor do imperialismo, ideias que influenciaram os discursos de políticos como Perón e mais recentemente Menem, que se colocaram retoricamente na tradição do caudilhismo, de Facundo e de Rosas, paradoxalmente indício do poder do discurso sarmientino, sem o qual pelo menos Facundo já estaria quase esquecido. Ver Halperin Donghi 2005 y Svampa 2006, especialmente o capítulo III, 219-265.

- Sarmiento, Domingo Faustino. *Discurso presentado para su recepción en el Instituto Histórico de Francia*. Valparaíso: Imprenta Europea, 1848. Disponível em: <http://pds.lib.harvard.edu/pds/view/786603?n=3&imagesize=1200&jp2Res=.5&printThumbnails=no> (acesso junho 2016).
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Facundo o Civilización y barbarie*. Prólogo Noé Jitrik. Notas y Cronología Nora Dottori, Silvia Zanetti. Barcelona: Biblioteca Ayacucho, 1985 [1845].
- Sarmiento, Domingo Faustino. *Recuerdos de provincia*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991 [1850].

## Literatura de consulta

- Amante, Adriana (org.), *Sarmiento. Historia crítica de la literatura argentina*. Dirigida por Noé Jitrik. Volumen IV. Buenos Aires: Emecé, 2012.
- Baudelaire, Charles. “Le Spleen de Paris”. In: Charles Baudelaire. *Œuvres*. Organizado por Y.-G. Le Dantec. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1956 [1864, 1869], 279-362.
- González Echevarría, Roberto. “Facundo: An Introduction”. In: Domingo Faustino Sarmiento. *Facundo. Civilization and Barbarism*. Traducción de Kathleen Ross. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 2003, 1-15.
- Halperin Donghi, Tulio. *El revisionismo histórico argentino como visión decadentista de la historia nacional*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
- Ingenschay, Dieter. „Großstadtaneignung in der Perspektive des ‚peripheren Blicks‘“. In: Dieter Ingenschay, Albrecht Buschmann (orgs.). *Die andere Stadt: Großstadtbilder in der Perspektive des peripheren Blicks*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2000, 7-19.
- Keidel, Matthias. *Die Wiederkehr der Flaneure. Literarische Flanerie und flanierendes Denken zwischen Wahrnehmung und Reflexion*. Würzburg: Königshausen und Neumann, 2006.
- Lubrich, Oliver. “Viajeros latinoamericanos en Europa”. In: *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*. 27 (Invierno 2009), Monterrey 2011, 17-18. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/numero-27-28-invierno-2009-primavera-2010/> (acesso junho 2016).
- Mariátegui, José Carlos. *Siete Ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Prólogo Aníbal Quijano. Notas y cronología Elizabeth Garrels. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.
- Mazade, Charles de. “De l’américanisme et des républiques du sud”. In: *Revue des Deux Mondes*. T. 16 (1846). Disponível em: [http://fr.wikisource.org/wiki/De\\_l%2E2%80%99am%3%A9ricanisme\\_et\\_des\\_r%3%A9publiques\\_du\\_sud](http://fr.wikisource.org/wiki/De_l%2E2%80%99am%3%A9ricanisme_et_des_r%3%A9publiques_du_sud) (acesso junho 2016).
- Nelle, Florian. *Sarmientos „Reisen“: Vision eines neuen Amerika*. Saarbrücken & Fort Lauderdale: Breitenbach, 1992.
- Nelle, Florian. *Atlantische Passagen. Paris am Schnittpunkt südamerikanischer Lebensläufe zwischen Unabhängigkeit und kubanischer Revolution*. Berlin: Tranvia, 1996.
- Nietzsche, Friedrich. „Der Wanderer und sein Schatten“ („Menschliches, Allzumenschliches“, 2. Band, 2. Abteilung). In: Friedrich Nietzsche. *Werke in drei Bänden*. Organizado por Karl Schlechta. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997, 1<sup>o</sup> vol., 871-1008.
- Pagni, Andrea. “Südamerikanische Blicke auf Paris und Rom: Beiträge zu einer Poetik des postkolonialen Standortes in Sarmientos Viajes.” In: Dieter Ingenschay, Albrecht Buschmann (orgs.). *Die andere Stadt: Großstadtbilder in der Perspektive des peripheren Blicks*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2000, 35-43.
- Rojas, Fernando. *El Profeta de la pampa. Vida de Sarmiento*. Buenos Aires: Losada, 1951.
- Saer, Juan José. “Liminar sobre los Viajes”. In: Domingo Faustino Sarmiento. *Viajes por Europa, África i América 1845-1847*. Edición crítica Javier Fernández, coordinador. Madrid: CSIC, 1993, XIII-XVI.

- Sanhuesa, Carlos. "En busca de un lugar en el mundo: viajeros latinoamericanos en la Europa del siglo XIX." In: *Estudios Ibero-Americanos* (XXXIII: 2) 51-75. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- Schlör, Joachim. *Nights in the Big City: Paris, Berlin, London, 1840-1930*. London: Reaktion Books, 1998.
- Shumway, Nicolas. *The Invention of Argentina*. Berkely: University of California Press, 1991.
- Svampa, Maristella. *El dilema argentino. Civilización o barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006.
- Torre, Claudia. "Sarmiento en viaje". In: Adriana Amante (org.), *Sarmiento. Historia crítica de la Literatura Argentina*. Dirigida Noé Jitrik. Volumen IV. Buenos Aires: Emecé, 2012, 451-473.
- Verdeoye, Paul. "Viajes por Francia y Argelia". In: Domingo Faustino Sarmiento. *Viajes por Europa, África i América 1845-1847*. Edición crítica Javier Fernández, coordinador. Madrid: CSIC, 1993 (Colección Archivos, n° 27), 639-715.
- Verdeoye, Paul. "Notas aclaratorias". In: Domingo Faustino Sarmiento. *Viajes por Europa, África i América 1845-1847*. Edición crítica Javier Fernández, coordinador. Madrid: CSIC, 1993 (Colección Archivos, n° 27), 429-466.
- Viñas, David. *Literatura argentina y realidad política. De Sarmiento a Cortázar*. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1974.
- Zilly, Berthold. "No soy el huésped, ni el extranjero, sino el miembro de la familia." Ambivalencias en *Viajes por Europa, África i América 1845-47* de Domingo Faustino Sarmiento," In: *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*, 27 (2009), Monterrey 2011, 129-183.
- Zilly, Berthold. "Cartas da capital: Sarmiento e suas ambivalências ante a realidade francesa". Traduzido do espanhol por Ronald Polito. In: Bernardo Buarque Hollanda, João Marcelo Ehlert Maia, Cláudio Costa Pinheiro (orgs.): *Ateliê do pensamento social: métodos e modos de leituras com textos literários*. Rio de Janeiro: FGV, 2016, 35-108.